

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

ESTRATÉGIAS DECOLONIAIS: PERSPECTIVAS ANTIRRACISTAS E CONTRA-HEGEMÔNICAS

Ao propor este Dossiê para a Revista Eletrônica Interações Sociais, entendemos que a descolonização não pode ser encarada simplesmente como uma metáfora (TUCK, YANG, 2012), ou seja, como um novo modelo da crítica acadêmica que, de tempos em tempos, atualiza seu *modus operandi* em uma política de subjetivação construída nas bases ontológicas, jurídicas e epistemológicas da modernidade. Sendo assim, a práxis decolonial, a qual opera por (mas não se resume a) uma descolonização do conhecimento, põe em xeque os fundamentos da colonialidade do poder, do saber e do ser forjados para sustentar o projeto moderno de subjetivação política, projeto que engendrou o mundo tal como o conhecemos, segundo as formulações de Aníbal Quijano (2000), Sylvia Wynter (2003) e Denise Ferreira da Silva (2019). O sentido radical da descolonização - quando lembramos do fato de que em outras línguas que não o português o termo decolonial carrega a complexidade do seu sentido mais radical de descolação do mundo (MBEMBE 2019, p. 9-95), não havendo diferença entre as palavras *decolonização* e *descolonização* (*décolonisation* em francês, *decolonisation/decolonization* em inglês) - orienta a proposta deste dossiê em apontar estratégias decoloniais mais do que propor uma “leitura decolonial” da realidade social.

Estas estratégias passam ainda por posições e intervenções desde os muitos lugares das práticas antirracistas e contra-hegemônicas. Dessa forma, questionar quem pode falar e quais as instâncias de autoridade discursiva que ainda legitimam uma perspectiva do sujeito universal/colonial subalternizando outras vozes e corpos dissidentes faz parte de nossa tarefa em desmontar os pilares onto-epistemológicos da modernidade/colonialidade. Com isso, ao ensejar abrir frentes além do que já nos possibilitaram as estratégias políticas e de produção de conhecimento, algumas das quais operaram desde a perspectiva dos ativismos dos lugares de fala, a descolonização do conhecimento pode ser trabalhada no sentido de uma imaginação radical, de uma desconstrução da ideia de mundo tal como o conhecemos e de ideias para adiar o fim do mundo (KILOMBA, 2019; KRENAK, 2019; MOMBAÇA, 2019; FERREIRA DA SILVA, 2019).

Frantz Fanon (1968) nos fez entender que a descolonização demanda a abolição dos cercamentos pautados na lógica excludente da acumulação por despossessão/espoliação. Modernidade, colonialidade, capitalismo e racismo se enlaçam como parte de um complexo dispositivo. Não falamos apenas da invasão de territórios, da devastação das paisagens, mas também da tomada de corpos, da normalização das subjetividades, dos novos marcadores sociais da diferença. Quando a diferença se tornou um problema para a convivialidade entre as gentes que habitam este mundo (MBEMBE, 2016)?

A imaginação moderna produziu a diferença cultural/racial/sexual e de gênero como fratura, corte, ferida da subjetividade a ser “reintegrada” nos novos agenciamentos de normalização por

exclusão e marginalização daquelas que não se “encaixam” (PUAR, 2017). Neste sentido, afirmamos a necessidade de análises interseccionais da realidade social que articulam raça, gênero, classe e outros marcadores tais que fazem surgir os aportes lançados pelos feminismos negros e decoloniais, bem como pelas perspectivas desobedientes de gênero e sexualidades dissidentes (AKOTIRENE, 2019; ESPINOSA MIÑOSO, 2020; BUARQUE DE HOLANDA, 2020).

A *opção* decolonial pode ser, contudo, mais que uma crítica da modernidade quando concebida no marco histórico das lutas anticoloniais que alargam o marco moderno, no movimento de resistência e insurgência à instalação e permanência das estruturas coloniais nas formas mais contemporâneas do capitalismo neoliberal. Com a empresa colonial, a concentração de capital se fez sobre a base de outros privilégios acumulados pela exploração do trabalho forçado de sujeitos subalternizados, o que reverbera no campo da produção simbólica em efeitos de uma plantação cognitiva como bem argumenta Jota Mombaça (2020), já que isso incide também no trabalho intelectual-artístico. Como nos lembra Silvia Rivera Cusicanqui “No puede haber un discurso de la descolonización, una teoría de la descolonización, sin una práctica descolonizadora” (2010, p. 63).

Os textos reunidos neste dossiê se propõem a trabalhar estratégias decoloniais nos campo de lutas antirracistas e contra-hegemônicas, no campo da imaginação política radical, na sociogênese do sujeito racial, na atualidade das discussões sobre colonialismo/colonialidade, nos feminismos negros e estratégias de resistência na produção do conhecimento, na história das relações raciais no Brasil, nas discussões atuais sobre o impacto da pandemia para as populações racializadas. As contribuições contemplam os debates de diferentes disciplinas e se movem na consolidação das epistemologias contra-hegemônicas.

O texto *Notas sobre a sociogenia, o racismo e o sofrimento psicossocial no pensamento de Frantz Fanon de Deivison Faustino* nos apresenta um aprofundamento da discussão do conceito de sociogênese de Fanon, como chave de compreensão do racismo, do sofrimento psicossocial e dos processos coloniais. Ao colocar Fanon como psiquiatra dedicado a compreender a dimensão psicoafetiva do desejo - este evidenciado em seu contexto histórico e social concreto - Faustino recupera, no autor, o processo por meio do qual se constitui o colonialismo, inteligível quando tomado em suas determinações concretas, fundamentalmente, naquelas que apontam para a capacidade que tem a modernidade capitalista de converter o que é genuinamente humano em objeto de sua acumulação. Faustino tece um fio complexo que articula a dimensão psíquica com aquela socialmente realizada. O autor aponta para o aspecto da vida humana como pleno de “contradições e dilemas sócio-psíquicos-existenciais dos mais variados que, embora difíceis e às vezes insuportáveis, possibilitam ampliar a nossa consciência de mundo, a nossa liberdade e a nossa responsabilidade conosco e com os outros”. Em diálogo com a Psicanálise, com Hegel e a tradição hegeliana francesa, Fanon, do ponto de vista de Faustino, se constitui enquanto teórico fundamental para pensar os problemas do projeto colonial cujo efeito subjetivo culmina na impossibilidade, para os povos racializados, de viver plenamente os conflitos existenciais que nos fazem humanos. O manuscrito de Faustino nos disponibiliza ferramentas fundamentais do legado de Frantz Fanon, que nos permitem refletir sobre uma pauta atual para a teoria social, bem como para os movimentos sociais em seus campos discursivos de ação: a relação entre subjetividade e aspectos psíquicos e as dinâmicas sociais que consolidam, cotidianamente, em contextos como o brasileiro, o estatuto colonial.

Em *La normalización del racismo y el machismo en los sistemas de educación. Un análisis desde las vivencias de Michael Arce*, Rocío Vera Santos analisa o caso de Michel Arce, jovem negro equatoriano a ganhar na justiça a primeira decisão sobre crime de ódio no Equador, por conta das discriminações e humilhações a que foi submetido na academia de oficiais do exército daquele país. A autora se debruça sobre esse crime de ódio racial desde uma lente interseccional considerando a intrínseca relação entre racismo e sexismo, manifestada na persistência do racismo estrutural e

institucional nas instâncias educativas que naturalizam estereótipos racistas e sexistas através de um conjunto de violências cotidianas. Ao se debruçar sobre a trajetória de Michael Arce, a autora elucida todo um “regime racializado de representações” que opera nas formas de classificação e segregação entre brancos mestiços e afrodescendentes na sociedade equatoriana. Isso se reflete na constituição da imagem de um “sujeito de direitos” da qual as populações racialmente e etnicamente marcadas são excluídas. Assim, tanto o sistema educacional quanto o sistema de justiça se mostram atravessados pelas dinâmicas do racismo estrutural. Uma importante contribuição que traz o texto de Rocío Vera Santos consiste na discussão acerca das masculinidades hegemônicas e em como homens negros são racializados por formas de animalização e fetichização de suas masculinidades nos espaços institucionais e em sua experiência cotidiana, ou seja, desumanizados como “homens”, discussão também levantada e já conhecida desde os trabalhos de Frantz Fanon.

O relato da atuação do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) da Universidade Federal do Rio Grande – FURG é o tema do artigo *O Grupo de Estudos Feminismo Negro: Um relato de experiência sobre um projeto de ensino como estratégia de resistência*, de Carine Fortes e Cassiane Paixão. O NEABI/FURG é percebido como espaço de compartilhamento de reflexões e vínculos afetivos a fim de gerar transformação individual e coletiva a partir de uma perspectiva interseccional e valorizando a relação entre o saber acadêmico e não acadêmico. Os relatos contribuem a uma reflexão de caráter decolonial na medida em que trazem à tona estratégias de existência e resistência em uma estrutura eurocêntrica e homogeneizante. A partir de uma posição de desobediência, destacam o papel do movimento negro como estratégias de sobrevivência que “auxiliam a existir e pensar sobre novas formas de experienciar a realidade, que não só a partir da sobrevivência”. Dessa maneira, contribuem na construção de “outras formas de produzir conhecimento, de maneira coletiva e não hegemônica.”

A leitura do manuscrito de Juliano Gadelha, intitulado *Abertura para o vasto mundo: um adeus à realidade espectral e um chamado além da imaginação radical*, nos propõe um ousado e necessário exercício de desenvolver uma imaginação radicalmente plural. Para isso, o autor elabora um jogo de luz e sombras, por meio de uma análise filosófica, estética e política, sobre o afastamento “das economias da competição e do desejo de exclusividade, reconhecendo que ultrapassar certa ficção reducionista de mundo não se trata de uma fantasia de triunfo, tampouco de uma nova cartografia dos heroísmos e dos mártires”. Retomando autores da teoria social decolonial - como Frantz Fanon e Achille Mbembe - obras de literatura como aquelas de Octavia Butler e Conceição Evaristo e produções cinematográficas, como *Panteras Negras*, Gadelha nos mostra que o caminho refletido rumo aos processos imaginativos precisa transitar por reflexões e sentidos que tensionem a colonialidade. Mais do que isso, que provoquem a compreensão da condição das arquiteturas jurídicas, políticas, econômicas, psíquicas e sociais por meio da necessidade de lidar com um enigma fundamental, o enigma da raça. O que Gadelha nos instiga, no limite, por meio de noções decoloniais, da ideia de pretitudes e, problematizando termos como “civilização”, “democracia”, “humanidade” é o movimento ético, estético e artístico para um outro futuro, para trânsito em busca do comum, cujas categorias modernas precisam ser implodidas.

O atual contexto pandêmico e seu impacto nos grupos sociais subalternizados é problematizado por Hélen Rejane Silva Maciel Diogo em seu artigo *Corpos, sobre-vivências e o (des) enraizamento da colonialidade no contexto do novo coronavírus (SARS-CoV-2)*. Hélen Diogo faz um apanhado dos debates atuais sobre colonialidade, bionecropolítica e as estratégias de sobrevivência das populações periféricas e racializadas no enfrentamento de um cenário social dessas populações que se agravou ainda mais com a pandemia de Covid-19. Recorrendo às análises de Ailton Krenak, Fátima Lima, Achille Mbembe e outros, a autora traz um importante embasamento teórico para levantar um conjunto de inquietações em torno de como as populações racializadas podem aderir a protocolos de cuidado em um cenário que as põe a lutar pela própria sobrevivência. Desde uma

perspectiva posicionada e implicada como mulher negra, a autora esboça um panorama acerca das noções de cuidado e da contribuição dos saberes femininos negros e das resistências negras na longa história das ações contra-coloniais empreendidas por esses grupos no Brasil.

O artigo *Raça e território: trincheiras de um conflito ontológico*, de Alexandre Manzoni, faz importantes contribuições para pensarmos a territorialidade a partir da questão racial resultante de uma modernidade eurocentrada e racializada. O autor mostra a relevância em percebermos o racismo está presente em processos de subjetivação dos corpos negros, demonstrando como a territorialidade constrói espaços e sujeito racializados, desterritorializando duplamente os corpos negros através do deslocamento espacial objetivo, assim como o ataque a bens simbólicos, afetando diretamente a constituição subjetiva de pessoas negras. Manzoni realiza importante discussão acerca da vinculação entre a racialização dos corpos não brancos e os desalojamentos habitacionais, uma vez que as consequências remetem ao empobrecimento negro e a desvalorização de subjetividades não brancas. Dessa forma nos permite pensar a realidade social a partir de lugares até então relegados ao silêncio e se alinha às contribuições decoloniais `a medida que busca romper laços de dominação colonial objetiva e subjetiva sobre a população negra, buscando contribuir na construção de uma episteme negra a fim de superar processos de racialização, na qual os sujeitos “vejam no artefato cosmológico africano e diaspórico uma possibilidade de territorializar com vivacidade aquilo que a modernidade inaugurou como ferida”.

Na seção de fluxo contínuo, dois artigos integram ainda esta edição da Revista Eletrônica Interações Sociais. O primeiro deles, das autoras Emanuelle Martins de Souza, Edia Aparecida Pacztuch e Vera Lúcia Simão, discute como as brincadeiras podem ser estratégias educativas para a educação infantil a partir de um recorte qualitativo de pesquisa no artigo *Estratégias educativas e o brincar na educação infantil*. O segundo artigo, *A condição do negro na transição do modelo escravista para a sociedade de classes no Brasil*, de Marcelino de Carvalho Santana e Poliene Soares dos Santos Bicalho revisita o debate histórico acerca da condição social do negro a partir de uma leitura da sociologia histórica que vislumbra com o fim da abolição as condições de possibilidade para uma sociedade de classes no Brasil. Por fim, complementando as contribuições do dossiê, temos a resenha da nova tradução para o português do clássico *Discurso sobre o colonialismo* de Aimé Césaire, assinada por Cristiano Engelke.

Desejamos uma boa leitura a todas e todos!

Cristiano Ruiz Engelke
Doutorando em Ciência Política pela UFPel
Professor Assistente de Sociologia (FURG)

Kaciano Barbosa Gadelha
Doutor em Sociologia pela Universidade Livre de Berlim, Alemanha
Professor Adjunto de Sociologia (FURG)

Lara Facioli
Doutora em Sociologia pela UFSCar
Professora Adjunta de Sociologia (FURG)

Organizadores do Dossiê

Referências

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.
- BUARQUE DE HOLANDA, Heloísa (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- CUSICANQUI, Silvia Rivera. *Ch'ixinakax utxiwa*. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.
- ESPINOSA MIÑOSO, Yuderlys. Sobre por que é necessário um feminismo decolonial: diferenciação, dominação coconstitutiva da modernidade ocidental. *Masp Afterall*, Arte e Descolonização. Disponível em: <<https://masp.org.br/arte-e-descolonizacao>>. Acesso em: 22 jan./2021.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FERREIRA DA SILVA, Denise. *A dívida impagável*. São Paulo: Oficina de Imaginação Política, Living Commons, 2019.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.
- MBEMBE, Achille. *Sair da grande noite: Ensaio sobre a África descolonizada*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- MBEMBE, Achille. Por que julgamos que a diferença seja um problema? In: Goethe Institut Brasil. [S. l.], 2016. Disponível em: <<https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/mag/20885952.html>>. Acesso em: 22 jan./2021.
- MOMBAÇA, Jota. A plantação cognitiva, Arte e Descolonização. In: Masp Afterall. [S. l.], 2020. Disponível em: <<https://masp.org.br/arte-e-descolonizacao>>. Acesso em: 22 jan./2021.
- MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Lisboa: Galerias Municipais/EGEAC, 2019.
- PUAR, Jasbir. *The Right to Maim: Debility, Capacity, Disability*. Durham and London: Duke University Press, 2017.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder y Clasificación Social. *Journal of World-systems Research*, VI, 2, Summer/Fall, p. 342-386, 2000.
- TUCK, Eve; YANG, K. W. Decolonization is not a metaphor. *Decolonization: Indigeneity, Education & Society*, v. 1, n. 1, p. 1-40, 2012.
- WYNTER, Sylvia. Unsettling the Coloniality of Being/Power/Truth/Freedom: Towards the Human, After Man, Its Overrepresentation. *An Argument, CR: The New Centennial Review*, v. 3, n. 3, p. 257-337, 2003.